

MANCOPEs, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

A SUBJETIVAÇÃO PELA ESCRITA:
ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE UM AFÁSICO

Renata MANCOPEs (Universidade Federal de Santa Catarina/
Universidade do Vale do Itajaí)
Pedro de SOUZA (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: This work discusses the written subjectivity relation, starting from the analysis of a book about the rehabilitation of the aphasic whose author is an aphasic subject. Michel Foucault 's view when the aphasic subject writes about himself, he ratifies its place as a resulting point of multiple effects of subjectivity.

KEYWORDS: discourse; written subjectivity relation; aphasia

1. Escrever na contramão do assujeitamento

Refletir sobre um ato de escritura dentro do campo da afasiologia e dos estudos da linguagem torna-se um desafio que encontra ressonâncias discursivas interessantes para aqueles que se ocupam dos estudos da linguagem e dos sujeitos que por ela e nela se constituem. Principalmente porque a linguagem escrita tem sido tratada com certa polêmica na literatura afasiológica já que a oralidade costuma ocupar um lugar de primazia sobre a escrita. O ato de escrever a partir de um quadro de transtorno de linguagem marca uma diferença significativa desde o lugar enunciativo daquele que escreve e daqueles que o lêem. Tanto mais, quanto o assunto em pauta seja justamente a afasia e a reabilitação do afásico.

Interessa-nos refletir como uma experiência de escrita, atuada em condições muito particulares de relação com a linguagem, produz sujeito e legitima uma certa posição de autoria. O pressuposto é de que, acerca do afásico, há um regime discursivo que, ao mesmo tempo em que o assujeita, permite-lhe o trânsito na contramão desse assujeitamento e abre espaços discursivos distintos conspirando para um processo de subjetivação, o que confere a emergência de um si particular no sujeito afásico que escreve.

Nossa reflexão parte da concepção foucaultiana sobre a subjetividade e os processos que engendram sua construção. Para

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Foucault, a subjetividade é resultado múltiplo e diverso de práticas sociais. Tais práticas, historicamente verificáveis em muitos domínios das ciências humanas, desenrolam-se em duas modalidades. Uma delas é aquela em que se observam práticas coercitivas produzindo sujeitos. O sistema penitenciário e a psiquiatria são exemplos dessa modalidade que Foucault investiga categorizando-as como formas de poder individualizador. Por tais dispositivos, individualiza-se o louco, o criminoso.

A outra modalidade de constituição de sujeito descreve práticas ditas de auto-formação. Nesta, instrumentaliza-se os mesmos dispositivos de assujeitamento dados nas práticas coercitivas dispondo para cada indivíduo a possibilidade de elaborar a si mesmo como sujeito. Embora envolvendo expedientes de assujeitamento, já que se trata de regras discursivas que determinam quem e como deve ser o sujeito quando atravessado por um certo discurso, o que Foucault (2002 a) enfatiza particularmente neste processo é o que chama práticas de subjetivação. Estas mostram a maneira como o sujeito se relaciona com os efeitos de assujeitamento reconhecendo-se e, ao mesmo tempo, deslizando dessa condição de assujeitado. De modo distintivo, justamente porque resultam do modo como o sujeito se relaciona com os sentidos desses efeitos, indiferente ao seu caráter de imposição, tais práticas de subjetivação são definidas por Foucault como práticas de si.

É na *Hermenêutica do Sujeito* que Foucault (2002 b) ocupa-se mais detidamente do que conceitua como prática de autoformação do sujeito. Autoformar-se, nos termos de Foucault (1984:), no contexto helenista, designa uma prática ascética, um exercício de si sobre si mesmo através do qual procura se elaborar, se transformar e atingir certo modo de ser. Souza (2003) destaca que, nesse sentido, o interesse da análise foucaultiana não é saber o que o sujeito humano é, mas sim, como ele se torna o que é a partir dessas práticas. O autor ainda ressalta que fazer a experiência de si não significa ir em busca do verdadeiro eu como se este pudesse ser totalmente livre de qualquer dominação. O sujeito para Foucault vive na tensão entre esses dois pontos, aquele que o objetiva e aquele em que ele se reconhece ou não no primeiro; como uma dobra sobre si mesmo.

A investigação de Foucault em torno da hermenêutica do sujeito visa um trabalho de interpretação centrado no sujeito, não como interioridade a priori, mas como processo que supõe a ação necessária do sujeito ao fazer-se sujeito. Foucault propõe aí uma diferença entre o que aparece como indivíduo e o que aparece como sujeito. O indivíduo é entendido como aquele que dispõe de instrumentos, *aquele que se serve*

de determinado instrumento para agir, enquanto que o sujeito é aquele que age nesta ação de instrumentar, de servir-se de. Portanto é o ato mesmo que consiste em dobrar-se sobre si que define o sujeito enquanto tal.

Nesta perspectiva, o sujeito não é estável e a temporalidade da ação que o constitui nele mesmo é aberta. Sob este ponto de vista, a identidade aponta para uma duração que a caracteriza algo como o mesmo. Já subjetividade aponta para momentos sempre múltiplos no decorrer de sua constituição. Assim é que se define o movimento da ação em que o sujeito se faz: trata-se de pensar subjetivação como diferentes posições passíveis de diferentes possibilidades de sujeito.

Sendo o sujeito efeito da relação da ação de fazer-se, pode-se depreender que transcendentalmente antes da ação não há nada, o que existe é a ação. O sujeito é convocado à existência. A ação tem um elemento imanente qual seja aquele em que *ao servir-se de... faz-se sujeito*, mas há também elementos exteriores que a fizeram chegar a ser o que é naquele momento, assim ela é produzida.

Pelbart (2000) discute a necessidade de examinar novos problemas que avançam a idéia de sujeito, questionando as forças que hoje dão novos sentidos ao termo subjetividade. Há ainda, segundo Pelbart, a persistência da idéia pressuposta de um si enquanto unidade consciente e ideal, mesmo naquelas vertentes que propõem o sujeito como aquele que pode reter em si sua própria contradição. O autor propõe, então, que, na esteira do pensamento de Foucault, se faça o descolamento progressivo da idéia de subjetividade da consagrada noção de sujeito, como um modo de permitir o atravessamento de uma exterioridade, pluralidade ou diferenciações que a idéia de sujeito em si não comporta.

É possível pensar a subjetividade como um ponto, ponto este cuja interioridade não interessa e que é produzido num determinado instante. Esse ponto é o que Foucault (2002 b) designa por *si*. O *si* se instância em dois pólos. Um deles aponta para o *si* enquanto razão, ou seja, como efeito de discurso, discurso esse que o significa e que o insere; e nesse sentido há certo fechamento da subjetividade. O outro pólo é aquele do *si* enquanto elemento do aqui e agora, enquanto ponto de possibilidades, porque a partir de sua localização podem-se estabelecer relações e, nesse sentido, então, há uma abertura da subjetividade. A subjetividade é então produzida entre esses pólos de fechamento e abertura, lugar tenso de onde se pode exercer a liberdade. Quando o *si* se relaciona apenas com a racionalidade que o significa, ele é a pura coincidência com aquilo que o objetiva, como um efeito de ilusão de uma

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

certa universalidade. Entretanto, enquanto ponto, o *si* passa a ter uma série de possibilidades que podem levá-lo a diferentes processos de subjetivação, que vão da coincidência a resistência. Rolnik (2001) destaca que várias são as estratégias que as subjetividades têm inventado na atualidade para defender-se do desconforto provocado por essa desestabilização.

É sob a rubrica do autobiográfico que observamos aqui uma experiência de subjetivação delineando um certo modo de escritura de si. Médico foniatra, tornado afásico por uma embolia cerebral, escreve sobre a reabilitação do afásico e, ao fazê-lo, testemunha essa mesma reabilitação. Traça um percurso e sobre ele mesmo retoma-se, dobra-se por sobre si mesmo e faz-se não apenas médico, não apenas afásico, mas um terceiro que pode ser um e outro exatamente nesse ato de escrita. Deleuze (1995) explicita que a subjetivação se faz por dobra. A ação de escrever tomada como processo de fazer-se sujeito no caso a que nos propomos analisar mostra a subjetividade em movimento, já que ao servir-se da escrita o sujeito situa seu lugar demarcando um outro ponto de partida.

2. A subjetivação no entremeio de posições discursivas

Para observar uma subjetividade em processo através da escrita de um sujeito tomado na condição assujeitada de afásico, escolhemos o livro de SEGRE, *Rehabilitación del Afásico consideraciones autobiográficas*, publicado em 1975 por Ediciones Ares em Buenos Aires, Argentina. Nossa hipótese é de que, retomando o processo da escritura do livro, observa-se uma oscilação entre duas posições discursivas que marca a estrutura enunciativa ao longo de todo o texto. O tempo da escrita parece ir de um relato que poderíamos chamar de médico, passando a outros que enfim constituem aquele que pode ser chamado em seu conjunto de relato autobiográfico.

Parágrafo a parágrafo, a oscilação escritural do texto em foco já se mostra logo no trecho transcrito a seguir, quando de início o livro se propõe a discutir as etapas clínicas na evolução do afásico:

Empieza com un ictus, es decir, una caída brusca del cuerpo com perdida más o menos prolongada del conocimiento. Durante este tiempo pueden ya detectarse: hemiplejia, hemiparesia facial homóloga, alteraciones de los reflejos tendinosos, etc. Cuando **el paciente** recupera la conciencia, los primeros e inciertos síntomas subjetivos, corresponden

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

a la pérdida de una parte de su esquema corporal y a fugaces alteraciones cinestésicas (...) [RM] ¹.

Por lo que se refiere a **mis propios trastornos**, muy bien recuerdo el **haberme dado cuenta** de tener anartria, una buena audición, una buena lectura mental, tanto del castellano cuanto de otros idiomas, de una discreta memoria remota, mediata e actual de los hechos pasados y finalmente a um sentido autocrítico bastante conservado [RP] ².

Cuando el estado general **del paciente** permite eliminar finalmente el cateterismo endovenoso, así como las sondas vesicales y gástricas, que suelen colocarse em la emergencia, se empezará com alimentación por via bucal [RM].

Uma análise preliminar destes enunciados mostra a alternância de posições discursivas marcadas pelo uso de um léxico altamente especializado mediado por recordações pessoais que atestam a verdade do dito técnico. Aqui a racionalidade que constitui a afasia e o afásico aponta para a objetivação que determina o assujeitamento dado pelo discurso técnico-médico tanto para o sujeito médico quanto para o sujeito afásico. Desse modo, aqui se vê que tomado pela escrita técnica o sujeito ratifica sua posição subjetiva de assujeitamento a esse discurso.

O interessante, porém, a destacar neste primeiro trecho, é a glosa **Por lo que se refiere a mis propios trastornos**. A expressão que, a seguir veremos co-ocorrer em outras formulações da mesma natureza enunciativa, aponta um índice sintomático do trânsito que faz o sujeito da enunciação deslizar o foco do que observa no **“el paciente recupera la conciencia”** para o que observa em si mesmo, não como objeto de observação clínica, mas como sujeito da relação consigo mesmo, visto de dentro da experiência que faz de si no âmbito de uma discursividade. Aludimos a discursividade na qual o sujeito se inscreve para falar de uma performance de linguagem constituída como patologia. Trata-se do sujeito que, mediante a escrita de uma autobiografia, expõe uma verdade sobre si.

Entretanto, na seqüência do relato observamos um ponto de ruptura com a objetividade do discurso médico. Ao designar os especialistas envolvidos na equipe de reabilitação do afásico, descreve inclusive a sua própria profissão como aquela de *expert* nas patologias da comunicação. Mas destaca quanto à tarefa do fonoaudiólogo que esta pode ser uma tarefa decepcionante³. Observamos neste trecho a introdução de itens lexicais que se distanciam do relato técnico e o sujeito fala de *seu toque* numa *verdade* sobre o processo terapêutico como se pode ver a seguir.

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Hay que tener no solamente estúdios específicos y experiência práctica, sino también una **vocación muy especial**, hecha de **dedicación sin límites**, de inventiva didáctica, de **espontânea y cálida compenetración** psicológica [RP].

Em diferentes oportunidades, he subrayado la conveniência de que estos profesionales gocen de una super-especialización, tanto en su preparación académica, cuanto en su curriculum. **He tocado con mano propia la verdad** de esta afirmación. Por eso voy a **aprovechar de mi experiência personal** para evocar, **con la más capaz y amorosa de las fonoaudiólogas**, algunas de las dificultades, consideraciones y etapas de mi reeducación verbo-psico-motriz [RP].

Ao mencionar sua forma de acesso a certa verdade sobre o processo terapêutico, podemos dizer que o sujeito assume outra posição diferente daquela do médico já que toca ao seu modo a suposta verdade e distancia-se da objetividade médica com afirmações que recuperam elementos como dedicação sem limites e amor por parte dos profissionais. Face a esse seguimento parece que o sujeito mantém-se ainda diante da racionalidade do discurso médico porque assume também o lugar de reconhecimento em relação aos profissionais que, superespecializados, são capazes de dedicação sem limites e trabalho amoroso diante da tarefa decepcionante da reeducação dos afásicos, porém a posição demarcada aqui é a de paciente.

Até aqui, entendemos que diante da racionalidade do discurso médico, encontramos o sujeito movimentando-se em duas posições enunciativas que referem o lugar de médico e de paciente respectivamente, assujeitados por esse discurso. Aqui temos a instância de um *si* que é aquele da racionalidade, ou seja, aquele que tende a um fechamento da subjetividade. Conforme dissemos anteriormente quando o *si* se relaciona apenas com a racionalidade que o significa, ele é a pura coincidência com aquilo que o objetiva, como um efeito de ilusão de uma certa universalidade (Foucault, 2002 b).

Cabe destacarmos ainda os momentos em que no texto identificamos modos de enunciação onde o sujeito enunciador associa-se aos seus pares médicos e também exorta aos afásicos quanto ao seu lugar e envolvimento no processo terapêutico:

Creo que **en nuestro medio** la mayor parte de **los que se dedican a la patología del lenguaje**, se conforman com uma evaluación diagnóstica a la “demande dès lésions”, para parafrasear el término utilizado por los cirujanos [RM].

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

No olviden **los afásicos** el refrán “ayudate si quieres que te ayuden” [RM].

Hay que confiar em la fe divina, cualquiera se ala canalizacion de su expression; hay que levantar nuevamente las insígnias de la convivência civil, de la bondad y de la confianza em si mismo; hay que demostrar a todos que la destreza verbal perdida puede compensarse com diferentes recursos, inclusive com um mediatado y consciente silencio [RP].

Este es mi mensaje de fe y de amor para los **compañeros de desventura** com quienes hemos recorrido los lentos peldaños de la rehabilitación y para **los colegas** que han tenido la gentileza de seguirme em mis consideraciones auto-biográficas. [RT]

Entretanto, ao longo do relato percebemos que há um terceiro funcionamento discursivo marcado com glosas do tipo **en mi caso** que dão entrada a certo funcionamento enunciativo que parece ser o de uma terceira posição que comenta algo das outras duas, quais sejam a de médico e a de paciente:

En mi caso particular anoto solamente los elementos positivos. Em efecto, los negativos, que fueron muchos más, varían para cada caso” [RT⁴].

En mi caso no hubo esteriotipias verbales, jerga personal, agramatismo, lenguaje telefráfico. Por lo que se refiere a este último aspecto, fué evidente la tendència a utilizar fórmulas gramaticales más sencillas, tanto em lo que atañe al vocabulário, quanto a la faz sintática del discurso. Es la ley del menor esfuerzo, que vale también em todos los tipos de energia nerviosa” [RT].

Vê-se aí aparecer, indiciada na glosa **en mi caso**, um deslizamento de posições de enunciação, pois em que o enunciador oscila entre o dizer de si como médico e o dizer de si como sujeito que experimenta uma outra relação com a linguagem. De qualquer modo, trata-se do mesmo discurso que intervém numa e noutra posição.

Ainda marcando um movimento de trânsito, observamos o uso de construções entre parêntesis apontando uma ruptura no fio do discurso. O recurso ao parêntesis aponta também para um jogo meta enunciativo de negociação entre posições não coincidentes. Deste modo é que se apresentam os pontos de distanciamento e de não-coincidência entre o lugar de fala do médico e o do paciente:

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

La pronunciación de vocales, consonantes, diptongos o agrupaciones fonémicas que difieren de los engramas habituales, resultan difíciles en parte por la disprasia buco-facial (**hoy para mi casi desaparecida**) y en parte por la disociación entre la pronunciación literal y la pronunciación fonética [RT].

Tanto no uso da glosa quanto no uso dos parêntesis no RT observamos o que Authier-Revuz (1998) apresenta como heterogeneidade mostrada. Segundo a autora, a heterogeneidade mostrada pode se manifestar por meio das aspas, do discurso direto, das citações, das ironias e das glosas-meta-enunciativas. Tais elementos funcionam no fio do discurso como uma duplicação feita pelo enunciador de seu próprio dizer num sentido de uma representação reflexiva deste. Assim, neste tipo de relato vemos no plano da estrutura um tipo de ruptura que pode demonstrar o movimento do sujeito entre as posições anteriores e que o colocam mais para o pólo da subjetivação (Authier-Revuz, 2004).

Neste ponto é importante fundamentar os fatos observados no funcionamento discursivo dos três tipos de relatos encontrados na produção textual de Segre (1975). A existência dos mesmos aponta para a heterogeneidade constitutiva do discurso, ou seja, aquela que diz do seu modo de existência. O intervalo produzido entre a alternância do RM e do RP pode ser entendido como algo que fica em suspenso entre os dois tipos de relato e que vai sendo entremeado no texto pela presença da glosa *en mi caso* ou ainda pelo uso de diferentes expressões entre parêntesis que explicitam o comentário reflexivo do enunciador a respeito do seu próprio dizer, caracterizando o RT.

Assim, a escritura do processo de reabilitação da afasia feita pelo médico afásico vai mostrando o ato em que ao servir-se da escrita, este se dobra sobre si mesmo, duplica seu dizer, suspende-o e faz-se sujeito exatamente nesse ponto. Tal ponto tem permanências diferentes fazendo com que a temporalidade do processo seja aberta. Ou seja, ora fala o médico, ora fala o paciente e por vezes fala o médico afásico que legitima seu lugar pela escrita ao mesmo tempo associando-se aos seus *antigos pares* e exortando seus *colegas de infortúnio* ao processo de reabilitação. Concentra-se diante de si e observa o discurso dado, a realidade imposta, por vezes reconhecendo-se neste por vezes não.

Aqui temos o outro pólo, aquele do *si* enquanto abertura da subjetividade e que aponta para possibilidades múltiplas de reconhecimento de si. A possibilidade de trânsito entre os relatos nesse caso cria uma unidade textual que estabiliza os sentidos na ordem do Imaginário e faz com que o sujeito se aproprie de uma posição

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

enunciativa na linguagem e pela linguagem. O conjunto de relatos entremeados no fio do discurso escrito mostra o movimento de dobra sobre si mesmo que o sujeito faz. Essa dobra verga o que vem de fora, RM e RP, e o próprio movimento de dobrar-se identifica então o RT. Segundo Deleuze (1995), o lado de fora não é um limite fixo, ele é móvel e movimenta-se como em movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro. Para ele, o que seria o dentro é nada além do lado de fora, isto é, exatamente o lado de dentro do lado de fora.

A subjetivação pela escrita nesse caso, faz-se justamente pela rubrica apontada no texto desde a capa *consideraciones autobiograficas*. Enquanto escrita de si, esse texto permitiu ao sujeito movimento de subjetividade e porque o fez pode constituí-lo como sujeito de linguagem pela linguagem escrita.

NOTAS:

1 A sigla RM será utilizada para sinalizar os relatos concebidos como Relato Médico.

2 A sigla RP será utilizada para sinalizar os relatos concebidos como Relato Paciente.

3 “*No todos se interesan en esta larga y a veces decepcionante tarea*” (SEGRE, 1975 :13-14)

4 A sigla RT será utilizada para sinalizar os relatos concebidos como Relato de Trânsito entre as duas posições anteriores RM e RP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a Transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2004.

DELEUZE, G. *Foucault*. 2ª.ed. São Paulo. Brasiliense, 1995, p.104.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. 15ª.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2002a.

_____. *La hermenêutica del sujeto. Curso em el Collège de France (1981-1982)*. 3ª.ed. México. Fondo de Cultura Económica, 2002b.

PELBART, P.P. *A Vertigem por um Fio. Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo. Iluminuras, 2000.

ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos. Mutações da Subjetividade Contemporânea. IN: ORLANDI, E.P. (org). *Cidade Atravessada os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas. Pontes, 2001.

MANCOPE, R.; SOUZA, P. A subjetivação pela escrita: análise da produção de um afásico. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

SEGRE, R. *Rehabilitación del Afásico consideraciones autobiográficas*. Casa Ares. Buenos Aires. Argentina. 1975.

SOUZA, P. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito fora de si. *Linguagem em (dis) curso*. Tubarão. v.3. novembro. 2003.